

J.-D. Nasio

9 LIÇÕES SOBRE ARTE E PSICANÁLISE

Tradução:
André Telles

1. MARIA CALLAS, “ESSA VOZ DO
CORAÇÃO QUE SÓ AO CORAÇÃO
CHEGA”¹

Maria Callas
(Sophie Cecilia Kalogheropoulos),
Nova York 1923-Paris 1977.
Callas é uma corruptela de Khalo,
que significa “beleza” ou “bondade” em grego.
Os emigrantes gregos dos Estados Unidos
abreviavam seu nome para ajustá-lo
à sonoridade da língua inglesa.

Soprano de origem grega. Diva incomparável pelo timbre e extensão assombrosa de sua voz e, acima de tudo, o imenso talento de atriz trágica. Após estrear em Atenas, a jovem Maria conhece a fama, aos 24 anos, nos palcos de Verona, em La Gioconda, de Ponchielli. A partir de 1948, é contratada pelos grandes teatros líricos do mundo inteiro, tornando-se a intérprete inesquecível dos mais prestigiosos papéis da ópera italiana do século XIX (Puccini, Bellini, Verdi, Rossini, Donizetti, Cherubini). Divorciada de Giovanni B. Meneghini, seu notável impresario dos anos de glória, conhece em 1957 o armador grego Aristóteles Onassis, com quem viverá uma paixão amorosa. O fim doloroso desse relacionamento coincide com o início de sua decadência como artista. Em 1965, Callas aparece no palco pela última vez, na Tosca de Puccini. Instala-se em Paris e, chorando a perda de sua voz, morre na solidão aos 53 anos de idade.

Eu gostaria que minhas primeiras palavras fossem precedidas pela voz mágica de Callas. Sugiro, portanto, que liguem seu aparelho de som e se deixem arrebatados pela ária “Un bel di, vedremo”, ato II da ópera de Giacomo Puccini *Madame Butterfly*, cujo papel-título é interpretado por Maria Callas, soprano. É o canto pungente de uma jovem japonesa de 18 anos, Madame Butterfly, que vive à espera do retorno de seu bem-amado, obrigado a fazer uma longa e distante viagem.

Estamos em Nagasaki, em 1900. Pinkerton, oficial da marinha americana, casa-se com a jovem japonesa Cio-Cio-San, ou Butterfly, “borboleta” em inglês. O oficial americano, formoso sedutor, acha divertido aquele casamento celebrado segundo os costumes japoneses. Para ele, aquela união é apenas um folguedo, um capricho. A jovem Butterfly, em contrapartida, entrega-se a ele com um amor pleno e autêntico. Pouco tempo depois das bodas, Pinkerton é obrigado a partir. Passam três anos e nenhuma notícia dele. Na casinha florida que foi o ninho dos namorados, Butterfly, sozinha com o filho, fruto desse encontro, espera, dia após dia, o retorno do amado. É justamente no âmago dessa espera simplória e confiante que se situa a ária que vocês estão ouvindo neste momento: “*Un bel di, vedremo*”, *Um belo dia, veremos... uma fumaça, a do navio tão esperado, levantar-se nos confins do mar*. Infelizmente, a sequência dos fatos decepcionará cruelmente a esperança ingênua de nossa jovem apaixonada. O navio americano que traz Pinkerton chega finalmente, mas o homem não está sozinho. Vem acompanhado de sua legítima esposa, uma americana, a quem Butterfly, mortificada, consente em entregar o filho. Madame Butterfly, após se despedir da criança, se isola e, inebriada de dor, se mata com o punhal do seu velho pai. No cabo desse punhal, estavam gravados os dizeres: “Que morra com honra quem não pode viver na honra.” Que terrível desconsolo, dramatizado por uma música sublime, e, acima de tudo, que voz!

“Tudo que é necessário saber sobre mim está na música.”

MARIA C.

Seguramente, tudo o que é necessário saber a respeito de Callas está em sua voz. Eis no que acredito, parafraseando a resposta dada pela diva a um jornalista sequioso de conhecer os detalhes íntimos de sua vida. Assim, se quisermos desvendar o mistério da artista Maria Callas, devemos primeiramente desvendar o mistério de sua voz incomparável; uma voz inspirada que comove até as lágrimas, transtorna e deslumbra. E que mistério é esse senão o impacto que sua voz produz em seus ouvintes? Sim, o mistério de uma voz não reside tanto em sua fonte, mas na emoção que ela provoca. Quem escuta a maravilhosa soprano cantar não pensa mais em si mesmo e, ao mesmo tempo, torna-se mais do que nunca um eu, um eu vibrante de emoções. **Quando escuto Callas, deixo de pensar em mim e não existo senão no meu corpo.** Talvez seja nisto que reside o segredo dessa voz excepcional: ela consegue despertar em mim, ouvinte, ressonâncias profundas, expurgar meu corpo de emoções acumuladas. Expurgar meu corpo de uma velha emoção significa que, fascinado por um personagem em ação no palco, acredito viver o que ele vive. Com efeito, vivo como espectador o que **já vivi**, real ou imaginariamente, quando criança ou adolescente. Insisto, só posso sentir a emoção do personagem – a espera fervorosa e ingênua da jovem Butterfly, por exemplo – porque um dia essa emoção foi minha. Já a conheço, mas a esqueci. Assim, quando a diva modula o timbre e a cor de sua voz para nos fazer ouvir a espera agoniada de Butterfly, vivemos por procuração a vã esperança de uma apaixonada em desamparo. Nesse momento em que a voz de Callas nos subjugua, somos, no lapso de um instante, a inconsolável Butterfly sonhadora porque já sonhamos, já nos deixamos embalar por ilusões antes de sermos derrubados por uma amarga decepção. E então

saímos da ópera, sorridentes e tranquilos, felizes por termos assistido ao espetáculo de nossas próprias emoções. O segredo da voz de uma grande cantora, portanto, reside em despertar nossas emoções adormecidas. Realmente, Maria Callas tem razão: tudo que é necessário saber sobre ela está em seu canto, porque seu canto exprime a imensa sensibilidade de uma artista que soube captar a emoção do personagem que interpreta, senti-lo dentro de si, nuançá-lo, sonorizá-lo, dramatizá-lo e fazê-lo ressoar em nós. Diante de sua atuação, compreendemos o que significa interpretar um papel e até que ponto Callas era não somente uma voz, como também uma inigualável atriz, capaz de colocar seu corpo e seu canto a serviço da heroína que encarnava.

Muito jovem – ainda menina –, Maria descobriu que só se sentia admirada e feliz quando cantava. Compreendeu muito cedo que seu trunfo mais precioso para ser amada, seu poderoso ímã sedutor, não era nem sua aparência nem sua inteligência, mas o feitiço da voz. Nasceu então naquela garotinha uma paixão que só se extinguiu com sua morte: a paixão de amar a própria voz. Pouco a pouco, ao longo dos anos, esta se tornará sua parceira mais íntima, mais fiel, mas também a mais exigente, mais difícil de dominar, e, no fim de sua vida, a mais vulnerável e perecível. Essa voz foi objeto de todas as suas atenções, mas também de todos os seus esforços, a ponto de fazê-la trabalhar, como um atleta trabalha os músculos, mais de quatorze horas por dia! Costumava referir-se ao prazer que sentia no corpo a corpo com sua voz: “Meu maior prazer”, dizia, “é dominar esse instrumento tão difícil que é minha voz.” Mas foi também a causa de seu maior sofrimento, uma vez que lhe sacrificou parte de sua vida de mulher e mãe. Não nos esqueçamos que ela jamais conheceu a maternidade. Sua voz absorveu toda a sua existência, a ponto de o conjunto de suas relações sociais subordinar-se à sua preocupação exclusiva com a perfeição. Pôs tudo a serviço de sua arte: até sua miopia.

Por exemplo, só subia ao palco se soubesse de cor os recitativos de todos os papéis, e não só do seu, pois era incapaz de acompanhar com os olhos – devido à forte miopia – as indicações do maestro. Essa deficiência visual a fez dominar ainda mais seu canto e sua forma de atuar. A esse respeito, o maestro Herbert von Karajan conta que costumava lhe dizer: “Maria, você pode cantar sem me olhar. Você tem um senso de ritmo incrível, um ouvido perfeito e está sempre em sintonia com a orquestra.”

*

A mãe na origem de um destino excepcional

Ora, estou convencido de que o rigor com que Callas refinava constantemente sua voz e construía seus papéis dramáticos deve-se em grande parte à influência de sua mãe durante a infância. A mãe de Maria foi muito maltratada pelos biógrafos, mas não concordo com tal abordagem. Por que qualificá-la de déspota, quando na verdade foi ela que infundiu na filha a força e a coragem para moldar sua voz? Essa mãe, Evangelia, filha de militar, legou a Maria o gosto pelo esforço e a disciplina que lhe permitiram desenvolver seu talento. Maria Callas não era uma criança-prodígio que teria triunfado sem trabalhar. Decerto possuía um talento excepcional, mas não tinha a música no sangue. São raras as pessoas que brilham em seu campo sem que pelo menos um de seus pais, apaixonado por esse mesmo domínio, tenha transmitido ao filho que sem vontade nada é possível. Com o pai de Maria frequentemente ausente, ela só pôde contar com a mãe, que passou a ser a primeira professora de uma futura grande virtuose. Sem dúvida mãe e filha terão mais tarde relações conflituosas e às vezes de ódio, mas devemos enaltecer a abnegação dessa mãe, que, na adolescência de Maria, quando esta completa 14 anos, prefere

ceder seu papel de mentora a uma outra mulher, uma notável professora de canto em Atenas, Elvira de Hidalgo. É inevitável que um mestre sofra ao ver seu melhor aluno deixá-lo para desenvolver seu talento com outro. Sem a determinação de sua mãe, jamais teríamos tido Maria Callas. Não obstante, as relações entre as duas sempre serão conturbadas. Por quê? Porque geralmente as crianças, ao se tornarem adultas, são ingratas com seus pais e professores – mais ainda com pais que lhes deram muito –, pois têm necessidade de sentir que existem por si mesmas, de achar que evoluíram sem a ajuda de ninguém. Provavelmente, esse foi o caso de Maria com relação a sua mãe, que tanto lhe legara.

O rompimento entre as duas se torna definitivo no dia em que a jovem cantora lírica de 22 anos decide deixar a Grécia e voltar aos Estados Unidos para lá reencontrar o pai. Magoada com a partida de sua Maria, vivida como uma ingratidão, a sra. Kalogheropoulos começou a maldizer a filha. Reciprocamente, Maria sempre mostrou ressentimento para com a mãe por tê-la criado distante do pai, a quem ela adorava. É comum uma jovem adolescente apegar-se mais a um pai doce e apagado, quase tímido – embora fosse um homem infiel –, do que a uma mãe exigente, onipresente e dominadora. Frequentemente a filha desenvolve a respeito do pai um amor terno, protetor e indulgente e, ao contrário, uma mágoa reivindicadora e duradoura com relação à mãe. Essa dinâmica familiar, em que os três personagens terminam prisioneiros de um conflito neurótico, tem consequências negativas sobre o destino da adolescente. Quando adulta, ela não sabe ser mulher, pois sua mãe não lhe mostrou que é possível ser uma mulher casada feliz. Daí resulta que ela reproduz a relação edipiana com seu pai, escolhendo frequentemente por companheiro um homem mais velho. Tal foi o caso de Maria com seus parceiros, tanto amorosos como profissionais, que desempenharam um papel paterno junto a ela. Outra consequência desse esquema familiar neurótico é que

a filha conserva um eterno ressentimento com relação à mãe e, com frequência, encontra em sua vida social de adulta uma mãe substituta, uma “boa” mãe, como Elvira de Hidalgo, sua professora de canto, e mesmo, no fim de sua vida, sua fiel camareira.

*

Um pai idealizado

*“Quando eu era pequena, ninguém gostava de mim
e eu não gostava de ninguém, exceto do meu pai.”*

MARIA C.

É, portanto, uma constante na vida de Maria Callas idealizar e amar as figuras paternas, a começar pelo próprio pai. Maria é um bom exemplo da tendência que certas mulheres têm de idealizar as figuras masculinas fortes e protetoras. A separação da jovem Maria de seu pai, ocorrida quando, aos 14 anos, ela foi obrigada a deixar os Estados Unidos na companhia da mãe e da irmã para ir morar na Grécia, desperta-lhe um sentimento de culpa com relação ao pai, que permanece sozinho em Nova York. Julga tê-lo maltratado e se recrimina por isso. Assim, instala-se nela o protótipo de um amor reparador com respeito aos homens mais velhos. Protótipo que se repetirá inúmeras vezes na relação afetuosas com professores admirados ou homens amados. A propósito, adiante recapitularemos os motivos inconscientes que levam uma mulher a escolher seu companheiro. Curiosamente, nem sempre é o amor pelo pai que é o seu modelo, e sim, como veremos, uma forte relação com a mãe. Por ora, falemos de Giovanni Battista Meneghini, marido e empresário de Callas durante os dez anos mais frutíferos da carreira da diva, dos 24 aos 34 anos. Neste ponto, eu gostaria de reparar a imagem de Meneghini, ar-

ranhada por alguns biógrafos. Vinte e seis anos mais velho do que Maria (!), esse homem foi provavelmente seu primeiro parceiro sexual. Coloco em dúvida o rumor de uma pretensa infidelidade de Maria, divulgada pela imprensa sensacionalista. Maria Callas era, não esqueçamos, uma grega ortodoxa. O peso da religião em sua vida costuma ser subestimado. Sua figura fetiche era Nossa Senhora, cujo nome, aliás, era o seu. Guardava ciosamente um pequeno ícone, que ela adorava e deixava sobre a penteadeira de seu camarim para lhe implorar, antes de subir ao palco, forças para encontrar o fraseado justo. Sua moral ortodoxa, visceralmente enraizada, torna improvável a existência de uma aventura adúltera medíocre. A relação com seu marido a completava. Meneghini correspondia perfeitamente à sua fantasia de garotinha: depender de um homem capaz de se dedicar inteiramente a ela. Quanto a ele, cumprirá sua promessa, abrindo mão da carreira de corretor imobiliário para negociar sem descanso os contratos de sua protegida e zelar pelo seu prestígio. Meneghini introduziu-a na alta sociedade de Verona, que ela descobria ainda jovem e da qual sem dúvida se sentia distante. Mesmo assim, o casal era criticado por sua vida reclusa. Em todo caso, o rigor necessário à arte de Maria não combinava com uma vida social movimentada. A disciplina monástica da jovem Callas era incompatível com as frivolidades sociais. Quem melhor do que um aficionado da ópera, como Giovanni, sem gosto pelo fausto e a ostentação, teria protegido a carreira de Maria Callas? Como ela poderia ter trabalhado doze horas por dia com outro companheiro? O fato de ter tirado alguma vantagem pecuniária de seu ofício de empresário não constitui nenhum escândalo; além disso, prestou uma vibrante homenagem a Maria, após sua separação, numa tocante biografia. Estou convencido de que, se Meneghini parece ser um esposo ideal, é justamente porque incentivou sua companheira a aprimorar incessantemente sua arte. Depois de Mene-

ghini, Callas se cercou de outros homens mais velhos do que ela e igualmente admiráveis: o maestro Tullio Serafin, que tanto lhe ensinou, e o célebre Arturo Toscanini, que a fez entrar no Scala.

A respeito desse apego a homens que tinham aproximadamente a idade de seu pai e que lhe proporcionaram uma sensação de segurança e autoconfiança, eu gostaria de esclarecer que **Maria ele-geu inconscientemente todos esses mentores porque no fundo encarnavam a figura da mãe**. Sim, da mãe. Com efeito, creio que cada um desses homens protetores e mais velhos ocupou o lugar do duplo da mãe, Evangelia, primeiro mestre exigente. Minha experiência de psicanalista me ensinou que, quando uma mulher escolhe seu marido, a imagem inconsciente da mãe é muito mais determinante do que a imagem consciente do pai. Isso contraria o clichê segundo o qual a escolha de um homem por uma mulher sempre se opera tendo como modelo o amor pelo pai. Com muita frequência isso é falso! Na eleição de seu parceiro masculino, a mulher – e Maria é o melhor exemplo disso – é levada a repetir o amor pela mãe mais do que o amor pelo pai. Eu deveria dizer o amor e o ódio pela mãe, mais do que o amor pelo pai. Sejamos mais claros. **Quando uma mulher escolhe seu homem, geralmente encontramos a mãe na profundidade, no pulsional, e o pai na superfície, no imaginário**. Como se o companheiro tivesse sido escolhido sob a influência da relação inconsciente, eminentemente pulsional, com a mãe, e em seguida sob a influência mais superficial e consciente da atração pelo pai. Em suma, a mulher repete pulsionalmente com seu parceiro amoroso o laço conflituoso apaixonado estabelecido com sua mãe durante a infância ou a adolescência; mas também o laço mais sereno e terno com o pai. Para Maria, Meneghini, Serafin ou Toscanini foram pais na superfície, porém mães na profundidade. Mães exigentes e, portanto, que transmitiam segurança; mães que habituaram Maria a sentir-se amada pelo que fazia e por sua vontade férrea de se superar.

Abordemos agora outra relação amorosa de Maria, totalmente distinta. Penso em sua paixão por Aristóteles Onassis. Seguramente, é com o armador grego que Maria Callas, aos 34 anos, já esguia e elegante, vai descobrir a paixão. Decerto Meneghini foi seu primeiro amor, mas Onassis seu verdadeiro primeiro amante. Se com seu esposo Maria perdeu sua virgindade de ternura, com seu amante perdeu sua virgindade de sexo. No entanto, antes de se abrir para a vida sexual, ela teve primeiro de se abrir para o mundo e descobrir o prazer sublime da música. Tenho convicção de que Onassis não teria tido nenhuma chance de seduzi-la quando ela era mais jovem e se dedicava integralmente à sua arte. Maria teria receado que um grande sedutor como Onassis perturbasse sua carreira, o que ele fez sem querer, quando, mais confiante, ela passou a frequentar sua casa. O fato de ele falar grego, sua língua materna, certamente contribuiu para sua cumplicidade íntima. Até então, seu corpo era inteiramente mobilizado pelo canto. Agora, na embriaguez do amor carnal com Onassis, Maria descobre outro corpo, o corpo que vibra sob as carícias sensuais do amante. Agora, enfeitiçada pela felicidade de uma nova sensibilidade, Maria deixa de lado sua arte, sente a alegria de desejar e ser desejada, experimenta a volúpia do prazer e estremece ao ritmo de uma sensualidade intensa e insuspeita. Deve aprender então a transigir com seus dois amantes, o mais fiel, sua voz, e o menos fiel, Onassis. Em todo caso, Onassis não passa de uma peripécia na vida de Callas, pois, se ele a fez sofrer, isso foi infinitamente menos doloroso para ela do que a perda de sua voz. O homem da paixão vem muito depois de sua voz atemporal, seu eterno e, finalmente, seu único amor. E quem sabe se das feridas infligidas pelas traições do armador grego a mais pungente não tenha sido desviá-la de seu instrumento vocal? Ao fim de sua vida, quando tinha aproximadamente 53 anos, antes de dar o último suspiro, na rua Georges Mandel, em Paris, Maria Callas revê os filmes de

suas óperas, e não as fotos que recordam aquela paixão efêmera. Ela morre de tristeza não por ter sido abandonada por Onassis, mas por ter perdido a parte de si que mais apreciava, sua voz. Tornou-se uma viúva inconsolável para sempre.

*

Ser uma mulher como as outras

Maria Callas foi descrita como uma diva colérica e caprichosa. À luz da hipótese de que sua mais bela história de amor foi com sua voz, podemos compreender que a tenha protegido como uma tigresa faz com sua cria. Por exemplo, não querendo estragar seu precioso órgão, recusou-se a cantar pela oitava vez em Edimburgo. A manchete da imprensa então foi: “Maria Callas não quer mais cantar!” Isso era evidentemente uma mentira, uma vez que sua principal preocupação era poupar forças. A propósito, no tocante às suas relações com a imprensa, ela tinha réplicas às vezes fulgurantes. Em Nova York, um jornalista se aproximou dela e a elogiou, dizendo: “Você é um ídolo!” Ela respondeu sem pestanejar: “Não quero ser um ídolo, porque os ídolos são vocês que os inventam para queimá-los amanhã.” Quanta lucidez, não? Numa entrevista concedida a Derek Prouse, no *Sunday Times*, em 1961, ela explica que, “para compor um papel, é preciso voltar a ser estudante, voltar a ser uma simples aluna do Conservatório. Você tem que cantar a música exatamente como está escrita. Não tome nenhuma liberdade, sequer com os recitativos escritos.” Eis a humildade de uma perfeccionista que exige dos outros o mesmo rigor que exige de si mesma. Por exemplo, não tolerava a mediocridade de certos músicos e não cessava de lhes pedir que fossem tão minuciosos em seus gestos quanto ela era em sua arte. Incontestavelmente, o templo do sucesso exige quatro pilares: talento,

trabalho, sorte e bom senso. O talento e o trabalho realizado por Maria Callas são, como vimos, inegáveis. Sua sorte foi encontrar mestres eminentes. Seu bom senso consistiu em jamais se deixar embriagar pelo sucesso. Naturalmente, tomou gosto pelo luxo de uma grande diva, mas sem jamais se deslumbrar a ponto de ceder à facilidade ou renunciar a dar o máximo de si mesma. Se Callas mantinha em segredo a sua vida privada, sem dúvida era porque não tinha nada a esconder, tampouco a mostrar, a não ser sua voz. No entanto, teria preferido ser uma mulher sem história. Ao fim de sua vida, declarava: “Eu gostaria de ter sido uma mulher como as outras, com uma casa, um marido, filhos. Mas o destino decidiu de outra forma.” Para concluir, poderíamos dizer que Callas fracassou em sua vida de mulher comum, mas teve êxito em sua vida de mulher excepcional.